

## Representação catador-ambiente na perspectiva de estudantes de psicologia

*Larissa de Brito Feitosa*

*Zulmira Áurea Cruz Bomfim*

*Cássio Adriano Braz de Aquino*

*Universidade Federal do Ceará*

[larissabf@hotmail.com](mailto:larissabf@hotmail.com); [zulaurea@uol.com.br](mailto:zulaurea@uol.com.br); [brazaquino@ufc.br](mailto:brazaquino@ufc.br)

Este estudo surgiu durante a disciplina Estágio básico I, ofertada pelo curso de psicologia da UFC a estudantes que cursam o 4º semestre regular. A disciplina visou articular dimensão teórica e intervenção empírica, tendo sido, assim, planejada em duas etapas para atender esta proposta. A primeira, de fundamentação teórica, teve por base a Psicologia Ambiental, Saúde Comunitária, Teoria Biocêntrica e Saúde Coletiva, e a outra prática, na qual os estudantes tiveram a oportunidade de entrar em contato com uma comunidade da periferia de Fortaleza, objetivando construir uma visão interdisciplinar e crítica-propositiva nos campos teóricos e práticos.

O objetivo deste estudo é analisar a representação catador-ambiente na visão dos estudantes da disciplina por meio da análise de relatórios elaborados por nove estudantes, partindo de diários de campo oriundos de visitas a instituições localizadas na comunidade do Genibaú.

A metodologia de análise dados foi análise de conteúdo e visa, segundo Chizzotti (2001), compreender de forma crítica conteúdos e significados tanto explícitos como implícitos do conteúdo a ser analisado, seja ele impresso, visual, gestual, dentre outros.

*Esta técnica procura reduzir o volume amplo de informações contidas em uma comunicação a algumas características particulares ou categorias conceituais que permitam passar dos elementos descritivos à interpretação ou investigar a compreensão dos atores sociais no contexto cultural em que produzem a informação ou, enfim, verificando a influência desse contexto no estilo, na forma e no conteúdo da comunicação (Chizzotti, 2001, p. 98).*

As informações colhidas foram organizadas nos grupos temáticos: organização do espaço da associação, trabalho e identificação, relação ambiente, saúde e articulação comunitária, considerados relevantes no estudo e no cotidiano dos sujeitos pesquisados, tendo sido definidos a partir das contribuições dos estudantes com base nos relatórios elaborados.

A escolha da comunidade do Genibaú deu-se pela viabilidade de articulação com a rede de saúde da localidade, Centro de Saúde da Família (CSF) Galba de Araújo, grupo de catadores de material reciclável Raio de Sol e outras instituições do território, em uma parceria Lócus (Núcleo de Psicologia Ambiental da UFC) e IFEE (Instituto de Formação Empreendedora e Educação Permanente) que realiza acompanhamento sócio, econômico e ambiental dos grupos que trabalham com coleta de material reciclável, desde o início de 2007.

Compreendemos que a experiência do estágio básico visa uma aproximação do sujeito, no caso, psicólogos em formação, com o chamado objeto, em condições sociais e contextos culturais diversos, que “possibilita ação projetada no mundo a partir de um espaço-tempo local, constituindo-se, assim, a partir de uma pluralidade metodológica” (Santos, 1993 apud Higuchi e Kuhnen, 2008, p.200).

### **Falando sobre a comunidade**

A comunidade é conhecida por Genibaú, está localizada na Regional V, uma das mais populosas aproximada de 39.258 habitantes recenseados (censo 2000) e apresenta Índice de desenvolvimento humano (IDH) dos mais baixos da cidade de Fortaleza de 0,378. O Bairro Parque do Genibaú surgiu no final da década de 1970 e início da década de 1980 e tem como limites geográficos ao norte o bairro Antônio Bezerra, ao sul o Conjunto Ceará, leste Rio Maranguapinho e oeste a via férrea que limita Fortaleza e Caucaia. Inicialmente o Rio foi um isolador, tendo em vista a ausência da ponte, constituindo-se em grande dificultador para a população em termos de comunicação com bairros vizinhos. Por outro lado, a via férrea possibilitava a articulação com o restante da cidade de Fortaleza como espaços de trabalho, comércio, equipamentos sociais, além do município vizinho, Caucaia, grande influenciador em sua formação.

Parte da população que habita o bairro é oriunda de movimentos populacionais de bairros periféricos e do interior, tendo em vista a falta de terra para morar e de condições favoráveis. Parte do processo de ocupação do espaço foi realizada de forma ilegal, mediante “invasão” de espaços ociosos, que é justificado por parte da população mediante o déficit habitacional e falta de condições financeiras.

A ocupação de forma desordenada e contínua sobrecarrega os serviços públicos que não conseguem atender a grande demanda reprimida e incentiva, desta forma, a comunidade buscar estratégias de sobrevivência e a organizar-se na luta pelos seus direitos e por melhorias do bairro.

A história de luta tem como marco o próprio processo de formação do bairro e coincide com a mobilização de moradores e entidades civis, de significativa exponência em meados da década de 80. A luta abrangeu ocupações de terrenos para assentamento, reivindicação por equipamentos sociais como escolas, creches, postos de saúde, abastecimento de água, ponte sobre o Rio, moradia e saneamento básico, tendo estimulado reuniões, discussões, articulação de comissões, formação de lideranças a fim de organizar a população, segundo Carleial e Lima (1991).

A partir de 1985, aproximadamente, segundo as autoras, e ratificado pelos depoimentos de algumas lideranças, ocorreu a multiplicação de associações devido ao surgimento de programas sociais governamentais, os quais forneciam bens à população por intermédio de entidades de moradores. Desta forma, houve dificuldades em articular as associações em torno de causas comuns. A história do bairro é marcada, assim, por lutas de poder entre lideranças que estavam vinculadas a interesses políticos e com visão mais assistencialista da comunidade. Atualmente, verifica-se grande desarticulação das mesmas, reflexo desse processo histórico, diante de objetivos e posicionamentos divergentes que desfavorecem, em parte, a comunidade.

È nesse contexto que o grupo de estudantes se dispôs a conhecer outros modos de viver, visando construir um pensar da práxis psicológica, por meio da vivência em diversos

espaços visitados na comunidade do Genibaú: Centro de Saúde Galba de Araújo, Associação de Catadores de Material Reciclável Raio de Sol, Vila Olímpica e Centro de Referência da Assistência Social.

### **O contato com a Associação Raio de Sol**

O primeiro contato se deu em duas etapas com divisão da turma composta por 30 estudantes. As visitas aconteceram nos dias 08 e 15 de maio de 2009. Durante as visitas os grupos foram recebidos pela responsável e fundadora da associação que apresentou o espaço físico, membros e a atividade realizada. Durante o diálogo algumas pessoas elaboraram perguntas e elucidaram dúvidas, em uma espécie de entrevista coletiva. Essa técnica tem como foco principal as falas dos entrevistados inseridos nos contextos da comunidade, entendendo que suas trajetórias estão intimamente relacionadas às formas de apropriação do espaço. Além disso, permite investigar a constituição da subjetividade e seus processos identificatórios inscritos nos modos de morar, circular, brincar ou organizar os ambientes circundantes (Legendre, 1997,1999; Rabinovich, 2004 apud Higuchi e Kuhnen, 2008, p205)

Méllo e Di Paolo (2007) optam por uma concepção de linguagem como prática, ação, movimento e flutuação de sentidos, acontecimentos, modos de ser ou possibilidades de ser e estar no mundo. Assim, para a constituição de subjetivações, é imprescindível a existência da linguagem, mas de forma integrada e por meio de redes discursivas que, segundo os autores, produzem, instituem, inventam, transformam e veiculam modos de agir no mundo, possibilidades de vir a ser.

### **Percepção e representação catador-ambiente**

A percepção é um instrumento essencial no processo de construção do conhecimento, especialmente por suscitar a tomada de consciência do mundo. No caso de crianças, elas constroem sua representação da realidade com seus instrumentos de conhecimentos próprios e capacidades pessoais. O conhecimento torna-se, assim, uma representação da realidade a partir da construção do objeto (Piaget, 1978 apud Higuchi e Kuhnen, 2008, p. 189), que mesmo na ausência deste pode ser percebido e evocado e sua percepção duplicada em sua presença. Assim, ao se completar o novo conhecimento sobre o objeto antes não percebido, o sujeito introduz significados, assim, supõe modificações possíveis a partir do que foi percebido (Higuchi e Kuhnen, 2008)

Segundo as autoras o espaço, dito perceptivo, ocorre quando no contato direto com os objetos, já no espaço representativo, este é compreendido como a imagem que se tem desse espaço quando se está ausente. Esse processo só ocorre a partir da idade em que as crianças já possuem a função simbólica desenvolvida, ou seja, quando significantes se diferenciam sob a forma de símbolos (imagens) ou de sinais (palavras) e os significados sob a forma de relações pré-conceituais ou conceituais.

Parte da turma nunca havia tido contato tão próximo com catadores. O conhecimento dessa realidade estava restrito a visão dessas pessoas apenas de passagem nas ruas da cidade, carregando seus carrinhos, numa compreensão limitada da realidade vivida por esse grupo. Alguns tinham uma concepção diferente da construída após a visita ao seu local da atividade desses trabalhadores.

Após ouvir a catadora alguns estudantes perceberam a importância que a atividade tem para eles, ao despertar paixão e identificação com a mesma, modificando, assim, a concepção

que se tinha da atividade desses trabalhadores. Além disso, frisam o fato de ser considerado um trabalho digno como qualquer outro, de não haver necessidade de ter vergonha, sendo uma atividade que confere a pessoa certa liberdade, apesar de todo o preconceito que perpassa o imaginário das pessoas. Esse sentimento de pertença à atividade e identificação não é percebida, no entanto, em todos que fazem parte da associação, tendo para alguns como principal objetivo apenas a sobrevivência.

O fato de estarem minimamente organizados em associações, mesmo sem legalização, como é o caso desta, e a vinculação à Rede de Catadores confere à atividade certa identidade e apropriação da mesma. Mas o grupo enfrenta certos desafios relacionados a uma visão e trabalho mais coletivos, muitas vezes influenciados pelas necessidades básicas urgentes, ao individualismo, a necessidade de uma liderança que promova maior integração do grupo, fato que talvez justifique certa dispersão do mesmo, no caso deste grupo, que a princípio contava com aproximadamente quatorze pessoas e após a conquista do espaço físico houve certa dispersão do grupo, que conta hoje com seis pessoas diretamente vinculadas. Os conflitos antes existentes e o frágil sentimento de grupo podem ter sido intensificados com a conquista do espaço e a forma como foi apropriado, sendo promotor de dispersão, em vez de coesão do grupo. Assim, a forma de apropriação torna-se reflexo da forma como as relações são estabelecidas, se o grupo não está coeso, essa apropriação não se dá de forma coletiva e solidária, gerando conflitos e conseqüente desarticulação.

Verifica-se, portanto, certa contradição entre o discurso e a prática, quando trata-se de coletividade, sendo este um processo demorado diante das condições sociais, econômicas, históricas e ideológicas as quais esses trabalhadores estão submetidos, tendo a sobrevivência individual como urgente, em detrimento de um coletivo.

*O conceito de apropriação surge a princípio de Marx, relacionado com o conceito de alienação, mas não significa que seu desenvolvimento ocorra unicamente nesta perspectiva. Em grandes linhas está relacionado ao trabalho, tido como uma ação sobre o mundo exterior e produtor de objetos materiais e não materiais. A alienação ocorre, portanto, quando não ocorre identificação com aquilo que é produzido. A apropriação surge deste processo, porém de maneira inversa, quando há uma reiteração desse objeto mediante a atividade, apreendendo-o com novos atos, adquirindo o “savoir faire” (Pol, 1996, p.45)*

Porém, em alguns trechos dos relatos é reforçado o sentimento de identificação da catadora com a atividade diante da afirmação de não gostar de ser chamada de catadora de lixo, devido à imagem de sujeira, de inutilidade e desvalor conferido ao lixo, diferente de ser nomeada catadora de material reciclável, trazendo a idéia de transformação e de algo útil para a sociedade.

*A identidade social deriva basicamente do pertencimento e afiliação a grupos sociais, profissionais, étnicos, religiosos, nacionais, etc, com aquilo que as pessoas identificam-se e geram em um grupo que compartilha atribuições internas e externas que definem o que caracterizam sua identidade (Pol e Valera, 1994, p.165).*

De todo modo as pessoas também se identificam como membros de grupos ou comunidades com base no sentimento de pertença a categorias socioespaciais concretas (idem, 1994).

Outro aspecto verificado em relatos dos estudantes devido à importância atribuída nos discursos dos catadores, especialmente, da fundadora da associação, está relacionado ao espaço físico da mesma, de ter surgido como forma de ficar independente de deposeiros que exploram seu trabalho, pelo baixo pagamento pelo material repassado. A conquista do espaço próprio conferiu à atividade mais organização e senso de coletividade, fato também promotor de saúde pelo não acúmulo de material em casas, passível de transmissão de doenças para a família e vizinhança, além da melhoria das condições de trabalho, apesar do espaço ainda não estar em condições ideais. Aqui, percebe-se a relação existente entre saúde, ambiente e atividade, em uma integração necessária para o bem estar desses trabalhadores e à comunidade.

É importante frisar que o grupo já tinha uma mínima organização, com nome de identificação, vinculação à Rede de Catadores e a outras entidades governamentais e não governamentais.

Pol e Valera (1994) defendem que pessoas e grupos necessitam identificar-se com um espaço físico próprio, que assume identidade do lugar, dando suporte à construção da identidade pessoal e social. Esse espaço, portanto, “assume outra identidade e conotação temporal que lhe é associada e que permite o estabelecimento da ligação entre indivíduo e o seu passado, presente e futuro coletivos” (Speller, 2005, p. 133), perpassando o âmbito do sentimento diante do ambiente e de seu significado.

A associação iniciou, assim, com o apoio de instituições não governamentais em meados de 2005, com encontros periódicos com finalidade de fortalecer o grupo e organizá-lo em torno da atividade produtiva. A partir daí, o grupo teve a oportunidade de se vincular à Rede de Catadores de Material Reciclável do Estado do Ceará, de mobilização nacional, fundada em meados de 2004. Em início de 2007 com o apoio do CRAS (Centro de Referência da Assistência Social) e em parceria com o IFEE, foi iniciado trabalho de acompanhamento, especialmente em processos de grupo e de gestão, no qual a associação obteve uma grande conquista, a do seu espaço físico próprio, o galpão onde depositam seu material e desenvolvem sua atividade produtiva. Para isso, contaram com o apoio fundamental de outra entidade, a S.O.S. Architecture, para a estruturação arquitetônica do espaço.

*Os espaços que ocupamos refletem formas de vida, a estética, os valores de seus ocupantes. O ser humano como a maioria dos animais busca delimitar seu território, mesmo que de forma sofisticada. Precisam de referências estáveis que contribuem para orientação, assim como para preservação da identidade diante de si e dos outros. Identidade e pertinência, privacidade e intimidade são causas e por sua vez deseja se levar por suas referências, constituem a chave da criação e a imersão em um universo de significados que constituem a cultura e o entorno do sujeito, materializado pelo tempo de um espaço vazio transforma-se em um lugar com sentido, processo denominado de apropriação (Pol, 1996, p.44).*

Desta forma, o espaço não exerce apenas papel funcional, é o resumo da vida e das experiências públicas e privadas. A apropriação dinâmica e continua propicia ao sujeito projeção no tempo e garante a estabilidade de sua própria identidade, constituindo-se também

com um processo de identificação, ocorrendo em alguns casos no sentido de ser agente de transformação (idem, ano) do meio e de si.

Para Giuliani (2004), esses laços afetivos e apego estabelecidos com os ambientes/lugares demonstram ser algo inerente ao ser humano que se configura de acordo com características da sociedade vigente. A autora define três tipos de processos relacionados ao ambiente: O primeiro é o apego oriundo de uma avaliação positiva do local diante da necessidade e realização da pessoa, mais cognitiva do que afetiva. Já no segundo, o apego tem relação com o significado que determinado lugar tem para a construção da identidade da pessoa não havendo necessariamente uma relação de cotidiano com o lugar, mas um valor simbólico, assim, como o tempo que não se restringe ao cronológico. E no terceiro processo está mais relacionado a um aspecto emocional do que funcional. Esse vínculo é devido a um sentimento de segurança e bem-estar evocado pelo lugar, geralmente do cotidiano.

Apreendendo um pouco das falas, verificamos muitas referências à questão ambiental, nessa relação com os catadores, nos cuidados e preocupação, com ênfase na importância do trabalho para a limpeza da cidade e diminuição do lixo e reaproveitamento do material reciclável. Os estudantes perceberam o papel do catador, por meio dessa conscientização ambiental, mesmo que incipiente, de sua atividade e refletem sobre a importância de ações de políticas públicas no sentido de conscientização da população sobre a questão, de uma coleta seletiva na cidade e do desenvolvimento sustentável.

“Apesar das pessoas apresentarem uma aparente atitude positiva em relação ao meio ambiente, muitas vezes não é revertida numa coerente práxis cotidiana” (Higuchi e Kuhnen, 2008, p184). Da mesma forma, Pol (1996) questiona programas que visam conscientização do meio ambiente, mas não trabalham o processo e sentimento de apropriação dos espaços, enfocando apenas em informações e conhecimento do meio. Para ele o desencanto ideológico das últimas décadas dificulta a apropriação por identificação, pelo sentimento de impotência e distanciamento das formas de governar e de gestão, que inibem ações efetivas, além de outros aspectos como os recursos tecnológicos que nos distanciam do ciclo natural da vida e da natureza e da apreciação dos recursos naturais. Propõe, portanto, ações que despertem sentimento de pertença, capaz de transformar espaços em lugares significativos para o sujeito e coletivo, por uma transformação ativa ou por identificação (idem, 1996).

A maneira como a pessoa se implica na cidade, seja no bairro, no espaço do trabalho ou mesmo em casa, já é um indicador de sua ação. Por isso a afetividade emanada dessa relação sujeito-ambiente, configura-se como um “indicador de ética e cidadania” (Bomfim, 2003), pois “sentir significa estar implicado em algo” (Heller, 1979 apud Bomfim, 2003, p.45).

### **Considerações finais**

O grupo de catadores demonstrou-se bastante receptivo e valorizado ao receber os estudantes, constituindo-se em um momento rico de compartilhamento de vivências e experiências. Apesar de ter havido maior contato com a representante da associação, percebe-se que muitas das suas colocações e percepções refletem a realidade vivenciada por outros grupos de catadores, mas respeitando as particularidades.

Para os estudantes também se configurou em uma experiência enriquecedora pela aproximação de uma realidade diferente da deles que propiciou sensibilização para mudança de visão e de perspectiva de vida, inclusive de atuação profissional. Perceber os catadores

como pessoas que estão construindo uma identidade a partir de uma atividade produtiva, intensifica a importância do grupo e de seu papel para a sociedade, diminuindo preconceitos por meio do reconhecimento da profissão, além de promover o fortalecimento dos vínculos e da rede comunitária.

Mesmo diante de questões estruturais experimentadas, percebe-se que os estudantes criaram espaços de reflexão diante do que presenciaram e vivenciaram, fato que suscitou a formulação de um posicionamento mais crítico, reflexivo e propositivo, além da construção de novas representações, especialmente em relação ao grupo de catadores. A vivência do cotidiano da comunidade permitiu a correlação com outros espaços e com a própria teoria proposta, propiciando também novas “possibilidades de espaço de atuação profissional” (Higuchi e Kuhnen, 2008, p.206), bem como reflexão sobre a *práxis* do psicólogo e ampliação do campo de atuação.

## Referências

BOMFIM, Z. A. *Estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e São Paulo*. PUC, São Paulo, 2003.

CARLEIAL, A. N.; LIMA, Maria Cláudia Nogueira de. *Parque Genibaú: novas formas de organização na gestão dos programas sociais*. in: (org.) FRANCO, E.; BARREIRA, I.F. *A política da escassez: lutas urbanas e programas sociais governamentais*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/ Stylus comunicações, 1991, v. 1, p. 179-223.

CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001. 164p.

GIULIANI, Maria Vittoria. *O lugar do apego nas relações pessoas-ambiente*. IN: (org.) TASSARA, E.T., RABINOVICH, E.P. & GUEDES, M.C. *Psicologia e ambiente*. São Paulo, Educ. 2004. 413p.

HIGUCHI, M. I. G.; KUHNEN, A. *Percepção e representação ambiental – métodos e técnicas de investigação para a educação ambiental*. IN: (ORGS.) PINHEIRO, J. Q. & GUNTHER, H. *Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-ambiente*. São Paulo, Casa do Psicólogo. 2008

MÉLLO, Ricardo, P.; DI PAOLO, A. F. *Subjetivações, identidades e o linguajar*. IN: *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, UERJ, ano 7, nº. 3, p. 131-142. 2º semestre de 2007.

POL, E. *La Apropiación del Espacio*. IN: *Cognición, representación y Apropiación del Espacio*. Barcelona Monografies Sócio/ambientais. 1996.

VALERA, S. & POL, E. *El Concepto de Identidad Social Urbana: una aproximación entre la Psicología Social y la Psicología Ambiental*. *Anuário de Psicologia*: Barcelona, n.62, 5-24. 1994

SPELLER, G. M. *A importância da vinculação ao lugar*. IN: (Org.) Soczka, L. *Contextos humanos e psicologia ambiental*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

\_\_\_\_\_. *Fortaleza em números*. Dados estatísticos dos bairros da Secretaria Executiva Regional V. SEPLA. Fortaleza, 2004.

